

## PAISAGEM E VIAGEM NA POÉTICA DE CECÍLIA MEIRELES: ESPAÇO, LUGAR E TOPOFILIA<sup>1</sup>

### LANDSCAPE AND JOURNEY IN THE POETRY OF CECILIA MEIRELES: SPACE, PLACE AND TOPOPHILIA

114

Larissa Alves de Sousa

Mestre em Geografia pela UnB e Licenciada em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás-IESA/UFG.

[larissaades@hotmail.com](mailto:larissaades@hotmail.com)

Valéria Cristina Pereira da Silva

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> da Universidade Federal de Goiás, vinculada ao LAGICRIARTE- Laboratório de Geografia Criatividade e Arte do IESA/UFG- Instituto de Pesquisas Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, onde desenvolve pesquisas ligadas aos temas: Imaginário da Cidade, Geografia e Literatura, Paisagens Imaginárias e Ontologia do Espaço, Cultura e Sensibilidades Contemporâneas.

[vpcsilva@hotmail.com](mailto:vpcsilva@hotmail.com)

**Resumo:** O presente trabalho propõe-se identificar como o olhar da poeta Cecília Meireles aproxima-se do olhar do geógrafo, que através de uma experiência empírica possibilita diversas leituras sobre os lugares e espaços experienciados. O diálogo entre Geografia e Literatura permite-nos descortinar os horizontes para apreender os detalhes que a ciência e a arte proporcionam em seu meio, para então, compreender a experiência humana no mundo vivido. Ao percorrer o universo poético de Cecília Meireles, a fim de explorar a temática da viagem em sua poesia, compreendemos que a autora foi viajante por excelência e o seu olhar descritivo-interpretativo é percebido em *Doze noturnos da Holanda* no uso da sinestesia, em *Viagem e Vaga Música* no resgate da herança histórico-imagética da viagem, em *Poemas Italianos*, a exuberância das cores e as figuras humanas que formam a identidade do oriente em *Poemas escritos na Índia*. A arte da imaginação envolta pelas sensações oníricas na crônica *Escolha o Seu Sonho*. Todos esses elementos compõem uma poesia em versos cintilantes que captam a essência da paisagem contemplada em suas viagens e figura permeada por sentimentos topofílicos.

**Palavras-Chave:** Cecília Meireles, Poesia, Paisagem, Viagem, Literatura.

**Abstract:** This present work proposes to identify how the point of view of the poet gets Cecília Meireles close to the point of view of the geographer, that through an empirical experience opens the possibility of various readings about the experienced

---

<sup>1</sup> Artigo primeiramente apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia Licenciatura, em 2017, para obtenção do título de graduação em Geografia pela Universidade Federal de Goiás, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valéria Cristina P. da Silva. Texto em co-autoria, revisado e ampliado pelas autoras.

places. The dialogue between geography and literature allow us to unveil the horizons and learn every single detail that science and art provide in their environment so that we can also understand the human experience in the living world. Throughout the poetic universe of Cecilia Meireles in order to explore the theme of the journey in her poetry, we understand that the author was a traveler and her incredible descriptive-interpretative look is perceived in *Twelve nocturnes of the Netherlands*, in the use of synesthesia in *Journey and Vaga Musica*, in the rescue of the historical-imagistic heritage of the *Italian Poems*, in the exuberance of the colors and human figures that form the identity of the *East in Poems written in India*, in the imagination wrapped by the dream-sensations in chronic *Choose Your Dream*. All these unique elements compose a poetry in scintillating verses that capture the essence of the landscape contemplated in his travels and figure permeated by topophilic feelings.

**Keywords:** Cecilia Meireles, Poetry, Landscape, Travels, Literature.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca compreender a relação entre Geografia e Literatura através da poesia de Cecília Benevides de Carvalho Meireles. As características essenciais para compormos este estudo vêm sendo retomada e estudadas pelos geógrafos do século XXI, em um momento em que a Geografia busca aproximação com as artes literárias. Nesse sentido, a poética de Cecília Meireles capta a experiência humana e sua espacialidade no momento em que relaciona a paisagem, o imaginário, a percepção, os símbolos no seus poemas.

Considerando este pressuposto, os nossos objetivos serão traçados a partir da paisagem como categoria geográfica e do imaginário como conceito fenomenológico presentes em diversos poemas no livro *Viagem e Vaga Música* (1982) entre obras literárias da poeta que serão também analisadas no processo de desenvolvimento deste estudo, são elas: *Doze noturnos de Holanda e outros poemas* (1986), *Poemas escritos na Índia* (2014), *Poemas Italianos* (1968), e a crônica *Escolha o Seu Sonho* (1996).

Os estudos da Geografia Humanista propõe uma relação entre ciência e arte, nesta caso a experiência entre geografia e literatura, destacando autores que abordam a união dessas áreas do conhecimento como uma nova proposta de investigação aos estudos geográficos. O diálogo entre a Geografia e a Literatura

possui potencialidades que nos permite refletir, indagar ou criticar o mundo a partir da escrita do literato, sobre questões sociais, culturais, políticas, econômicas, entre outras, dentro de um determinado contexto histórico vivenciado pela poeta.

No Brasil, em meados dos anos 90, a abordagem da Geografia Cultural e Humanista começa a ser explorada por alguns autores como Corrêa (1998), Holzer (1998) e Marandola (2010), entre outros, que ao longo deste trabalho serão citados como base teórica. Tal qual a importância da Geografia Cultural e Humanista em desenvolver pesquisas sobre o sujeito no mundo, atribuindo significados a experiência humana. A literatura em seus vários gêneros conto, romance detém muitos destes significados que compreendem a leitura de mundo e experiência nela contida detém espacialidades e valores.

A partir de uma necessidade de percorrer novos caminhos para interpretar a Geografia como ciência afastada do positivismo, os geógrafos da corrente cultural-humanista buscavam, inicialmente, compreender melhor as relações espaciais com base nos fundamentos geográficos da fenomenologia. Na relação espaço e existência tem-se um das preocupações fenomenológicas, ou seja, não há ser sem o mundo conforme Holzer (1998). E a Literatura é um dos caminhos que nos levam a compreensão da espacialidade humana.

A poética de Cecília Meireles vista por um viés humanista será abordada na relação entre a paisagem e a topofilia, ou seja relação afetiva com os lugares e modo como estão inseridas em suas obras pelo modo de olhar as paisagens e as vinculá-las através dos devaneios poéticos sobre o espaço. Bem como na relação de existência de si e do outro – seres-no-mundo – enquanto exploração dos sentidos, vivenciados pela poeta pode revelar-nos que nos apropriamos do espaço através das nossas experiências significativas com a geografia do lugar. No processo de interpretação e análise dos poemas temos a dimensão do quanto à geografia poder estar inserida na criação literária meireliana, na medida em que a linguagem poética dialoga com a experiência subjetiva da paisagem na literatura modernista<sup>2</sup> de Cecília Meireles.

---

<sup>2</sup> Flávio Loureiro Chaves sobre a poesia de Cecília Meireles afirma que: “Paradoxalmente, é aí que reside o seu modernismo, pois na busca do universal, por sobre a fugacidade dos episódios, sua poesia nos conduz a uma perquirição da natureza humana e supera as contingências de espaço e tempo que limitaram grande parte da

Considerando o olhar poético de Cecília Meireles como detentor de um potencial feixe de elementos geográficos através de suas viagens, buscamos o universo de sensações que o deslocamento no espaço e tempo lhe proporcionam e está plasmado nas imagens poéticas. As suas experiências como viajante evidenciam seu olhar sobre o mundo contemporâneo, seu amor pelas viagens rumo ao desconhecido e a relação que estabelecia com os lugares.

A hipótese sustentada neste trabalho é de que existe na poética de Cecília Meireles uma geograficidade construída por paisagens detentoras de topofilia. Como observa Moraes (2006) quem percorre a obra poética de Cecília Meireles encontra o tema da *viagem* em poemas diversos que pululam por toda a obra, em livros cujo título faz referência a este tema, como o próprio livro de poemas *Viagens* e também as suas *Crônicas de Viagens* nas quais a autora registrou sua maneira de olhar e o feixe de experiências colhidos nestes trajetos. Assim, deslocamentos espaciais, lugares visitados, paisagens são recorrências na obra da poeta. O motivo da viagem, seu universo sempre movente, como analisa Moraes (2006), surge cadentemente nos versos, imagens sem sossego, ondas e embarcações a exprimir a movência e a instabilidade da própria existência. Navega no seu *Mar Absoluto*, convidando-nos a navegar também e a ressignificar a viagem penetrando numa paisagem de sentido.

Por exemplo, no livro *Viagem e Vaga música* (1982) a experiência revela a percepção de espaços, de sentimentos por paisagens e lugares que contemplava em suas viagens e a partir daí o percurso real e imaginário de sua viagem literária.

Assim, a literatura meireliana vai além da produção estética, ao percorrer a espacialidade através da linguagem literária, a Geografia não está inserida como conceito disciplinar, mas sim como um objeto de reflexão e concepção de mundo, ou seja, entender os processos históricos a partir da multiplicidade e totalidade da relação entre literatura e espaço que compreendemos como *geograficidade*, conforme Dardel (2015). Também Holzer (2011) afirma: “cabe observar que a geograficidade, enquanto essência, define uma relação – a relação do ser-no-mundo”. (HOLZER, 2011, p. 151).

---

literatura modernista”. In: “A tópica da vida breve do modernismo brasileiro”. *Correio do Povo*, Porto Alegre: 21 jun. 1969.

Considerando o olhar geográfico e a linguagem literária, ciência e arte que se cruzam na passagem contemporânea das fronteiras entre os saberes, este estudo tem como método a análise fenomenológica das imagens poéticas de Cecília Meireles, tal qual sua importância subjetiva e reflexiva sobre a existência humana e a paisagem. Para assim, pensá-la para além o objetivo é identificar tal geograficidade na percepção contida nas imagens poéticas.

O artigo está dividido em três tópicos, considerando os estudos da ciência geográfica relacionando sempre a paisagem como construção do imaginário, discutidos a partir da poética meireliana. O primeiro tópico, intitulado *A paisagem na poética de Cecília Meireles e sua relação com a Geografia* busca compreender a paisagem como um dos conceitos-chave da Geografia e desta interpretação vinculada aos seus desdobramentos na corrente humanista.

No segundo tópico *Topofilia: a paisagem e a relação de afetividade com lugar na poesia meireliana*, a sensibilidade poética da autora permeia os lugares em que percorreu como viajante<sup>3</sup>, essa relação é fruto de sua interação com os lugares, que vai ao encontro da percepção e apresentação deste espaço como forma de exprimir emoções, imagens vivas, pensamentos, sonhos e lembranças. Assim, Cecília Meireles “traz em si” os fenômenos geográficos que como experiências vivenciadas, formam uma relação afetiva com o lugar, não menos importante que a sua concretude sónica e qualidade artística com a poesia lírica.

No terceiro e último tópico, *O olhar geográfico em Cecília Meireles: (re)descobrimo a experiência da viagem no imaginário* a abordagem recorre as contribuições do filósofo Gaston Bachelard em sua obra *A Poética do Espaço*, através da pluridisciplinaridade bachelardiana – Filosofia, Literatura e Psicologia. Essa relação é possível, pois o autor aborda a fenomenologia da imaginação, “esta seria um estudo do fenômeno da imagem poética no momento em que ela emerge na consciência como um produto direto do coração da alma, do ser do homem tomado na sua atualidade” (BACHELARD, 1993, p. 184). Pois, quando lemos um texto literário, a imagem composta através dele tem um significado em torno de si

---

<sup>3</sup> A extensiva obra poética de Cecília Meireles não caberia ser elucidada somente neste artigo, a poeta estende o tema viagem a outros livros dentro do mesmo período de criação, entre 1940 e 1964 citados no início desta introdução. Contudo, para não prejudicar a análise de sua obra e não fazê-la de forma superficial, citaremos alguns poemas desta coletânea que caminharão pelo mesmo viés deste trabalho.

mesma, ao mesmo tempo em que se faz presente uma repercussão em nós, ou seja, no mesmo instante cada leitor participa do princípio criativo do autor.

Este trabalho, que tem como fio condutor a análise geográfica na imagem literária dos poemas de Cecília Meireles vincula-se ao papel contemporâneo que a relação entre Geografia e Literatura tem assumido, proporcionado, sobretudo, a partir dos estudos de Geografia Cultural e Humanista na contribuição de autores como Dardel (2011), Claval (2007), Tuan (1980), para o avanço da compreensão da fenomenologia, ressaltando a importância da reflexão para a experiência humana e sua relação com o espaço social. De modo que, os valores culturais, as percepções do espaço oferecem o conhecimento necessário que permeiam a essência do ser e que possuem de fato, uma síntese geográfica.

## **A PAISAGEM NA POÉTICA DE CECÍLIA MEIRELES E SUA RELAÇÃO COM A GEOGRAFIA**

De acordo com Holzer (1998) o termo paisagem surge no ocidente com o Renascimento, nesse contexto, a paisagem era um termo das artes plásticas, principalmente a pintura de cavalete que se tornou uma forma comum de sua expressão. Contudo, não havia discussões sobre este tema nem preocupações específicas para uma investigação mais profunda a respeito de um possível conceito. No final do século XIX e início do século XX, houve um processo instigante em transformar a paisagem em objeto de pesquisa acadêmica, a fim de conceituá-la, tornando-a objeto de estudo científico, não só das Artes, mas em outras áreas do conhecimento como a Geografia, a Arquitetura e a História (HOLZER, 1998).

Desde então, a paisagem é um dos conceitos-chave que mais tem se resignificado no que tange os saberes da Geografia e os geógrafos culturais e humanistas recorrem à discussão sobre este conceito em interface com outras áreas do conhecimento, na qual a experiência dessa relação reflete seu conteúdo estético e seu potencial semiótico.

Existiram então, dois modos distintos e interrelacionados de se usar o termo paisagem: uma representação artística e literária do mundo visível, do cenário, (*scenery*), visto pelo espectador; uma verificação

e análise empírica, através de métodos científicos, da integração de fenômenos naturais e humanos em uma porção delimitada da superfície terrestre. Estes dois modos seriam integrados pelos estudos geográficos recentes sobre a paisagem (HOLZER, 1998, p. 59-60).

A paisagem consiste no olhar estético da imagem, mas também a percepção da materialidade do espaço acerca do sujeito que a observa e constitui uma experiência humana individual. Para os geógrafos culturais e humanistas compete, então, analisar a paisagem carregada de signos, de símbolos, de sentidos. Mas na origem da palavra paisagem encontra-se uma união entre natureza e cultura:

"Landschaft" se refere a uma associação entre sítio e os seus habitantes, ou se preferirmos, de uma associação morfológica e cultural. Talvez tenha surgido de "Land schaffen", ou seja, criar a terra, produzir a terra. Esta palavra transmutada em "Landscape" chegou à geografia norte-americana pelas mãos de Sauer que, cuidadosamente, enfatizava que seu sentido continua sendo o mesmo: o de formatar (land shape) a terra, implicando numa associação das formas físicas e culturais (HOLZER, 1999, p. 152).

Sobre o conceito de paisagem Claval (2007,) afirma que ele está diretamente associado aos estudos da cultura e entende-se que a "cultura é um fator essencial de diferenciação social" (CLAVAL, 2007, p. 14). De modo que, quando as relações sociais comungam com o lugar, essa relação acarreta em uma linguagem cultural tornando-se extremamente útil para o entendimento da sociedade. O avanço da Geografia Cultural na abordagem humanista e os meios de comunicação recentes são enfoques fundamentais para a compreensão do sujeito e suas singularidades no mundo contemporâneo.

Por que os indivíduos e os grupos não vivem os lugares do mesmo modo, não os percebem da mesma maneira, não recortam o real segundo as mesmas perspectivas e em função dos mesmos critérios, não descobrem neles as mesmas vantagens e os mesmos riscos, não associam a eles os mesmos sonhos e as mesmas aspirações, não investem neles os mesmos sentimentos e a mesma afetividade? (CLAVAL, 2001, p. 15).

Para o autor “os indivíduos e os grupos são condicionados pela educação que receberam: a cultura aparece assim, como uma herança” (CLAVAL, 2007, p. 12). A paisagem é vista como uma representação cultural capaz de fornecer uma leitura de mundo.

Nesse sentido, os estudos sobre Geografia e Literatura contribuem para enriquecer os saberes geográficos, sobretudo, utilizando o conceito de paisagem, e como na linguagem literária esse conceito geográfico está inserido de forma implícita e/ou explícita. Assim, Corrêa & Rosendhal (1998, p. 15) afirmam que “a Geografia assume responsabilidade pelo estudo dessa área porque existe a curiosidade comum acerca desse assunto”. São essas experiências humanas que impulsionaram o estudo sobre *Viagem e Vaga Música* (1982), a sensibilidade da poética meireliana sobre os lugares que viveu e visitou podem ser atreladas aos aspectos culturais. Dessa forma, somos espectadores, mediante a primeira impressão que temos do conteúdo estético da obra; leitores, enquanto intermediários da consciência criadora da poeta e agentes que transformam o saber da linguagem literária em uma compreensão mais ampla aproximando da realidade dos fenômenos geográficos.

Pensar a paisagem na poética de Cecília Meireles é pensar em uma imagem subjetiva, aquela que envolve sentimentos e articula os sentidos. Como então traduzir a imagem viva do sujeito de forma que não distorça a sua relevância no momento em que a paisagem é fotografada pelo imaginário? A paisagem não está carregada de símbolos ao ponto de criar um significado determinado no momento em que a contemplamos? Algumas perspectivas devem ser consideradas.

A paisagem poética pressupõe valores se levarmos em conta a experiência que o leitor constrói a partir da obra, apoiado na criação da obra que perpassa sua experiência com o mundo vivido. Para Dardel (2011) as interações humanas com as paisagens, espaços, e lugares são chamados de geograficidade (*géographicité*) e na medida em que vivenciamos esses encontros criamos um elo de afinidade ou não com o lugar, causando uma topofilia Tuan (1983) ou uma topofobia, esta última seria uma experiência desagradável com o ambiente acarretando em repulsa.

Um dos aspectos a serem considerados em sua poesia é que Cecília Meireles envolve os mecanismos perceptivos ao retratar a paisagem. Conforme diz neste trecho, em que a memória de sua infância colabora em seu imaginário e de uma forma sensível destaca-se a percepção da paisagem:

Tudo quanto naquele tempo vi, ouvi, toquei, senti, perdura em mim com uma intensidade poética inextinguível... céus estrelados, tempestades, chuva nas flores, frutas maduras, casas fechadas, estátuas, negros, aleijados, bichos, suínos, realejos, cores de tapete, bacia de anil, nervuras de tábuas, vidros de remédio, o limo dos tanques, a noite em cima das árvores, o mundo visto através de um prisma de lustre (MEIRELES apud PRADA, 2002, p. 29).

Nesse caminho, a paisagem de Meireles é pensada além da materialidade do espaço, considera-se também os significados que a constitui. Bachelard (2009) define que as imagens são o germe da poesia e do mundo imaginante e para compreendermos a relação entre a poeta e sua imagem é necessário estabelecer uma aproximação entre nós, leitores de sua poesia, com a consciência criadora da poeta, a partir das suas imagens.

A fenomenologia das imagens poéticas, segundo Bachelard (2009, p. 4) serve para “tentar restituir no leitor a ação inovadora da linguagem poética”. Assim é o devaneio poético meireliano, que através de uma relação profunda em sua viagem íntima, interior impulsiona os sentidos do leitor a “viver” também àquela imagem apresentada no poema. Para os estudos da fenomenologia o devaneio é instrumento de compreensão da subjetividade das imagens e um método que auxilia no processo de concepção do ato criativo.

Faz-se necessário, assim, vislumbrar os lugares que a poeta retrata em seus textos, seja como apresentação ou alusão da paisagem poética. A paisagem constitui uma identidade do lugar, podemos então dizer que ela é a “essência” do lugar que compõem sentimentos ao ponto de sentirmo-nos pertencentes a este lugar. Ao considerarmos esse espaço vivido na obra meireliana, tratamos do espaço geográfico, do vínculo entre o homem e a terra que se estabelecem a partir ser e da relação com o outro, isto é, a base do seu ser social, a “geograficidade do homem como modo de sua condição humana e seu destino” (DARDEL, 2001, p. 2).

Os poemas de Cecília Meireles transmitem ao leitor um universo de sensações sobre a experiência humana que vai além do deslocamento geográfico, pois as paisagens dão sentido a sua originalidade literária. Ela compartilha conosco a sua admiração pelos lugares e o faz de maneira sensível, assim, viajante<sup>4</sup>, – embora ela não tivesse preocupação com a Geografia enquanto ciência – como poeta transitou pelo espaço e o ultrapassou em linguagem, descreveu em forma de registro, o transformou em imagem transportando sua própria experiência individual em uma consciência coletiva, imaginária. E isto que caracteriza a nossa observação dos elementos geográficos.

### **TOPOFILIA: A PAISAGEM E A RELAÇÃO DE AFETIVIDADE COM O LUGAR NA POESIA MEIRELIANA**

Quanto mais observamos a paisagem, mais nos tornamos parte integrante dela e é por intermédio dessa troca que desenvolvemos modos de apreendê-la, por meio de atitudes cognitivas e a afetivas. Tal interação nos permite conhecer a paisagem e estabelecer sentimentos por ela. A afetividade do lugar e a topofilia são os modos como estabeleceremos a relação com a poesia de Cecília Meireles.

Cada vez que observamos a paisagem reagimos de maneira diferente, somos influenciados pelos nossos sentimentos e cada indivíduo possui uma visão única e particular que interfere no seu comportamento contemplativo à paisagem, segundo Tuan (1980) consiste em um estender-se para o mundo.

Ao descortinarmos os horizontes da Geografia e da Literatura, descobrimos que não há como estudar a paisagem na obra literária meireliana sem referenciar o lugar como um dos conceitos geográficos ressignificados pela vertente humanista, haja vista que o lugar é um dos vários elementos que a compõe e que neste estudo está atrelado as experiências vividas pela poeta. Nesse sentido, os lugares visitados por Meireles tornam-se parte de sua identidade, sua experiência

---

<sup>4</sup> Cecília Meireles em sua coletânea sobre as viagens se considerava viajante por excelência. Para ela, a “arte de viajar é uma arte de admirar, uma arte de amar. É ir à peregrinação, participando intensamente de coisas, de fatos, de vidas com as quais nos correspondemos desde sempre e para sempre”. *Crônicas de viagem - 2*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 61.

individual imbricada nas relações sociais está envolta da narrativa sensível posta por sua visão holística da experiência como ser-no-mundo (TUAN, 1980). A partir dessa experiência, a autora vivencia a paisagem não mais como um cenário estático, sua poesia passa a ter uma nova expressão também dos espaços e dos lugares e pela topofilia.

Tuan (1980, p. 4) afirma que a topofilia é “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal”. Assim, em seus estudos sobre a percepção da paisagem, o autor nos mostra que o sentido é a base para a compreensão de *atitude*, *valor* e *visão de mundo*,

O mundo percebido através dos olhos é mais abstrato do que o conhecido por nós através dos outros sentidos. Os olhos exploram o campo visual [...] mas o gosto do limão, a textura de uma pele quente, e o som do farfalhar das folhas nos atingem como sensações (TUAN, 1980, p. 12).

Cecília fez longas viagens, sua poesia não raramente são colheitas no caminho de uma topofilia. Visões que o itinerário e o gosto da viagem colocaram ao seu alcance. O prazer imenso de olhar o mundo, de percorrê-lo faziam sua visão especialmente arguta. E neste ato de viajar e conhecer a autora sege também em busca de si mesma, – como na perspectiva da Ianni (2003) –, as viagens de Cecília Meireles pelo mundo bifurcava-se das cidades, países e lugares pelo qual passava para a viagem ao interior de si mesma. Cecília chegou aos salões vastos de sua alma e fixou retratos do espaço e do tempo. Por exemplo, Meireles (2014) percorreu a Índia em uma paisagem cheia de sabores, cores, odores, emoções e sentimentos, mesmo lançando um olhar estrangeiro a autora não se furta ao observar de modo afetivo ao lugar. No poema “Cidade seca”, Meireles retrata a escassez de chuva, a falta de água como símbolo de uma vida difícil e de terra infrutífera, uma luta diária pela sobrevivência:

[...]  
Chuva nenhuma, jamais. Os rios de outrora – vales de poeira.  
E quem olha?

Ainda rósea, e crespa de inscrições, de arcos, pórticos, varandas,  
A cidade admirável é um cravo seco na mão do sol reclinado.  
Do sol que ainda a beija, antes de morrer, também.” (MEIRELES,  
2014, p. 43).

“E quem olha?”, quem se atreve a olhar o rio que antes estava cheio e agora se transforma em poeira? Há a ausência da figura humana na descrição do poema, nota-se apenas a observação por coisas que fazem parte da “cidade admirável”, – mas admirada por quem? Prado (2011, p. 63) ao estudar a vida poética de Cecília Meireles, afirma que a cidade “[...] é representada, aqui, pelo cravo, algo frágil e de existência efêmera como a maioria das flores”.

Assim, o “cravo seco na mão do sol reclinado” presente no referido poema se diferencia da rosa e se encontra ainda mais fragilizada pelo fato de estar exposta a intensidade da luz solar. Na última frase, a cidade é “do sol que ainda a beija” no entardecer, como uma metáfora o sol se despede da cidade aos poucos, até que, fazendo parte do ciclo da existência, um dia também irá morrer.

Cecília Meireles, além de revelar a paisagem através de sua visão, atentava-se aos demais sentidos e vivenciava as paisagens mundo afora com o seu olhar poético. Conforme descreve:

Quem sabe o que vamos encontrar quando, num hotel desconhecido, abrimos pela primeira vez a janela do quarto? [...] Uma janela de Amsterdã mostrava a cidade como um desenho finamente traçado, com suas torres, suas fachadas pontudas, delicados pormenores arquitetônicos... – “e, no primeiro plano, um canal, um barco cheio de flores; o passado e o presente, a graça e o trabalho da vida holandesa, tudo aquilo que depois se vai descobrindo pouco a pouco e se pode chegar a amar profundamente (MEIRELES, 1982, p. 24).

No momento em que *atitude, valor e visão de mundo* tornam-se uma unidade para compreendermos o processo de percepção da paisagem, entende-se que toda paisagem possui singularidade e que, ao mesmo tempo, ela se relaciona com outras paisagens (TUAN, 1980). É a partir da dimensão dessa experiência e da percepção que o sujeito atribui valores e significados que compreendem as condições abstratas e concretas, envolvem os mecanismos cognitivos e afetivos acerca da paisagem e do lugar.

Em *Poemas Italianos* Meireles (1968), encantada pela arquitetura em pedra e mármore, ao percorrer as cidades italianas cheias de monumentos históricos, cenários, ruas, vielas, a poeta de algum modo sente-se pertencente a aquele lugar. Na medida em que desenvolve sentimentos de amor pelas paisagens e figuras humanas da Itália, Meireles vive intensamente a condição de sujeito viajante. Essa experiência humana resultou em registros diversos em poemas e crônicas, uma tão significativa quanto a outra. É possível identificar este sentimento de espacialidade humana no poema “Geografia”:

“Qual é a cidade que, vista ao contrário, está no coração?” (MEIRELES, 1968, p. 75).

O lugar é o espaço geográfico com perspectiva simbólica, a poeta estando distante do lar constituía o seu buquê de lugares afetivos. O sentimento topofílico presente no verso do poema “Geografia” faz referência à cidade de Roma na Itália, cidade esta que possui uma paisagem singular e que na poesia meireliana convida-nos a buscar na memória a sua história carregada de símbolos e significados, como o anfiteatro Coliseu, a Catedral de Roma ou as esculturas petrificadas, entre outros monumentos históricos que contemplam o imaginário da cidade. Chioda (2010, p. 72) afirma que, “partindo do mais mundano contato com as ruas, casas, palácios e meios de transporte, vê-se todo o lirismo de uma escritora interessada sobretudo no que aprende empiricamente, no que vê com o coração e com o que sente com os olhos”. Neste poema também o verso brinca, criando uma charada com a sugestão do palíndromo que consiste a palavra Roma como o amor que se guarda no coração.

Nessa perspectiva topofílica, o que está no coração da poeta implícito na charada é o amor que ela sente pelos lugares e sujeitos e como esse elemento constitui uma experiência empírica presente na tríade poeta, mundo vivido e leitor. A poeta continua descrevendo na quarta estrofe um sentimento que diz respeito tanto a cidade de Roma quanto à sua memória, no tempo em que no primeiro contato com a geografia como matéria escolar, pôde perceber o mundo através de um mapa ilustrado:

[...]  
Lembrai-vos do oceano azul que apenas aprendíamos,  
dos nomes dos mares e golfos,  
da linha sinuosa dos rios,  
dessa palavra que ainda não sabíamos ser tão  
vasta:  
MEDITERRÂNEO. . .  
[...]" (MEIRELES, 1968, p. 75).

É possível identificar na poesia de Cecília Meireles uma aguçada percepção sobre os lugares e como ela se dá através dos sentidos de acordo com Tuan (1980). Nesse caminho, podemos considerar que a paisagem não é um cenário estático, ela possui uma interação dinâmica com o lugar e, conseqüentemente, com os sujeitos que a observam, e nós, inseridos nesta realidade cotidiana, construímos os sentimentos, experienciamos as atitudes e interiorizamos a imagem de uma paisagem de maneira significativa, impregnada de símbolos e valores.

Meireles (2014) mergulhou na cultura indiana e essa experiência com o mundo oriental permitiu-lhe conhecimentos profundos sobre o pensamento filosófico-religioso tanto hinduísta quanto budista. Em diversos poemas, a paisagem indiana é retratada com o seu olhar poético e capta a essência da imagem em uma aproximação com o olhar do geógrafo, razão pela qual a sua poesia se torna o objeto de estudo deste trabalho. A paisagem da Índia é retratada no poema "Tarde amarela e azul", que poderia, por exemplo, ser porta de entrada para aqueles que buscam na linguagem literária a paisagem geográfica:

"VIAJO entre poços cavados na terra seca.  
Na amarela terra seca.  
Poços e poços de um lado e de outro.  
Sáris amarelos e azuis,  
homens envoltos em velhos panos amarelados,  
crianças morenas e dóceis;  
tudo se mistura aos veneráveis bois  
que sobem e descem em redor dos poços.  
[...]" (MEIRELES. 2014, p. 41-42).

Percebe-se o olhar poético sobre os tipos humanos da Índia, país este que elevou sua espiritualidade a um alto nível de compreensão da vida humana. Na primeira estrofe em que diz, “na amarela terra seca. / Poços e poços de um lado e de outro”, o sentido da percepção visual da poeta aponta características da paisagem indiana, é a “terra seca” que expressa, simultaneamente, o estilo de vida indiano sob aspectos filosóficos, religiosos e culturais do oriente.

A referência nos versos “crianças morenas e dóceis / tudo se mistura aos veneráveis bois”, nos faz pensar que a poeta tem um sentimento fraterno pelos sujeitos, – sobretudo, pelas crianças indianas –, e a cor tem um poder de comunicação na cultura indiana que molda a paisagem cotidiana em uma experiência cromática. Damasceno (1975, p. 21) afirma que, “os bois são animais sagrados na Índia”, eles representam uma imagem divina e circulam nas ruas como animais domésticos, sendo assim, símbolo do lugar.

No poema “Manhã de Bangalore”, Meireles observa as paisagens do lugar na condição de estrangeira, a percepção visual da poeta observa os contrastes das primeiras luzes do amanhecer. As mudanças de cores do céu que douram a paisagem indiana:

[...]  
E o caminho vai sendo pontuado  
de estrelas douradas,  
aqui, ali, além,  
no bojo dos vasos de cobre,  
os vasos de cobre polido que elas carregam como coroas.  
[...]" (MEIRELES, 2014, p. 49-50).

O espetáculo das cores que inicia o dia na cidade de Bangalore traz consigo a paisagem diurna, onde a cidade flui na sua forma mais singela e a vida transcorre e revela a cultura do oriente. Este é um dos lugares que Meireles reconstrói sua familiaridade com o mundo oriental, certa de uma experiência humana vivida com os sujeitos do lugar.

Retomando os estudos de Tuan (1983, p. 180), “uma função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas [...] chamar a atenção para áreas da experiência que de outro modo passariam despercebidas”. Para o autor, o sentido

de afetividade do lugar se dá através da experiência da poeta, que constrói a paisagem literária pela sua bagagem existencial e faz disso um universo de novas percepções da paisagem geográfica.

No final da década de 1970 e início dos anos 80, geógrafos brasileiros como Corrêa (2003), preocuparam-se com as reflexões e análises sobre a valorização da cultura. Dois aspectos importantes devem ser analisados a fim de compreender seu processo de resignificação, um é o fato de que a cultura já era estudada em seu sentido material pelas demais correntes do pensamento geográfico, atrelada aos conceitos básicos da geografia – lugar, paisagem, espaço, território; o outro é que a cultura adquiriu uma dimensão subjetiva, ela passou a ter uma relação intrínseca à espacialidade humana.

Assim, Corrêa (2003) afirma que o conceito de paisagem na Geografia Cultural e Humanista é algo mais complexo do que pensamos, pois envolve todos os elementos naturais e sociais:

A paisagem torna-se um conceito revalorizado, assim como a região, enquanto o conceito de território tem na geografia humanista uma das suas matrizes. O lugar passa a ser o conceito-chave mais relevante, enquanto o espaço adquire, para muitos autores, o significado de espaço vivido (CORRÊA, 2003, p. 30).

Com tal afirmação, o espaço geográfico carregado de sentimento, simbolismo, experiência, é o que o autor chama de “a morada do homem”, devido às relações sociais estabelecidas nesses espaços e que por ele se reproduz. O conceito de espaço não se distingue da sociedade, uma vez que é nela que o espaço se concretiza. Sobre espaço vivido, Corrêa (2003) orienta que:

O espaço vivido, é por outro lado, marcado ainda por uma afetividade maior que nas relações industriais. A afetividade manifesta-se tanto no que diz respeito ao gostar dos lugares como à movimentação espacial. Lugares e áreas longínquas tornam-se próximos em função da afetividade por eles, como se exemplifica com os lugares sagrados, objetivamente distantes (CORRÊA, 2003, p. 33).

Sob a luz da subjetividade na poética de Meireles (2014), aproximamo-nos de sua trajetória acessando paisagens, espaços e lugares que, mesmo

estrangeiros, jamais serão elementos neutros e sua vida. Os conceitos geográficos perpassam o valor sentimental que Meireles deu a cada lugar experienciado. Lugares estes carregados de identidade acerca da consciência individual e, conseqüentemente, coletiva, ou seja, a espacialidade humana. Buscamos na Literatura outro nível de conhecimento, de modo a enriquecer ainda mais o pensamento geográfico como explica Marandola (2010) sobre a obra literária:

É essencialmente geográfica implica reconhecer a geograficidade como fundante do mundo e, portanto, de tudo que é vigente. A geografia não é apenas uma forma de ver o mundo (o que também o é), mas é parte da essência do mundo (MARANDOLA, 2010, p. 25).

As paisagens encontradas na obra meireliana são frutos de sua sensibilidade e de sua relação única com o lugar, esse vínculo afetivo estabelecido em suas viagens rumo ao desconhecido, aproxima-nos de uma cumplicidade “obrigatória” do ser no mundo, expressa, sobretudo, na leitura da paisagem em forma poética. O encontro com a linguagem literária é uma forma de “buscar os traços essenciais da experiência geográfica do mundo. Mas, ao invés de carregar para dentro da literatura conceitos geográficos, trazer da experiência do mundo narradas na pena do escritor, sentidos para a Geografia” (MARANDOLA, 2010, p. 26).

Nas viagens feitas ao exterior, a Índia foi um dos países que mais tocou sua sensibilidade poética-geográfica. Não há em sua poesia a ausência de sentimentos topofílicos, em entrevista, disse que “na Índia foi onde me senti mais dentro de meu mundo interior. [...] tudo na Índia, me dá a sensação de levitar. Note que não visitei, ali, nem templos, nem faquires. Não é o exótico. É o espírito, compreende?” (MEIRELES apud BLOCH, 1974, p. 37). A partir dos seus sentimentos, Meireles escreve o poema “Poeira”:

[...]  
a poeira das janelas despedaçadas,  
das varandas em ruína,  
dos quintais onde os meninozinhos  
brincam nus entre redondas mangueiras.  
[...]” (MEIRELES, 2014, p. 57).

A poeira da Índia faz parte dos traços da paisagem. Das janelas, das varandas e dos quintais. A percepção visual da poeta em relação aos acontecimentos se dão nesse cenário, no tom de experiência do mundo vivido pelos meninos que “brincam nus entre redondas mangueiras”. Cecília Meireles apresenta-nos uma relação com a Índia e para além dela quando trata das figuras humanas, sua percepção sobre o mundo oriental, sobretudo, da cultura e filosofia indiana, “trata do caminhar [...] do si-mesmo em busca de sua própria reinvenção através do desapego e da contemplação serena da multiplicidade do mundo enquanto existência unificada” (LOUNDO, 2007, p. 140).

Dardel (2011) em sua contribuição para os estudos de lugar, entende que a Geografia Humanista representa a inserção do sujeito no mundo através do espaço geográfico como objeto de estudo fenomenológico, “podemos mudar de lugar, nos desalojarmos, mas ainda é a procura de um lugar” (DARDEL, 2011, p. 41). É nesse instante que o lugar é habitado, pensado e sentido em sua totalidade. A partir dessa experiência humana carregada de significados que a relação homem e natureza se faz presente na existência dos lugares, das paisagens, que compreende o sujeito no mundo vivido.

A consciência geográfica encontrada no conceito de geograficidade está ligada ao fato de que a identidade do lugar e do espaço parte da formação de uma consciência individual e de um grupo. Nessa relação encontram-se os geógrafos humanistas que se preocuparam com as questões contemporâneas, Dardel (1952, p. 45) abriu caminhos para uma visão mais filosófica da relação entre geografia e fenomenologia, “uma geograficidade do homem que é o seu modo de existência e seu destino”. A reflexão sobre a espacialidade entende que o lugar é visto como um atributo do mundo vivido. Conforme o autor afirma,

A geograficidade refere-se às várias maneiras pelas quais sentimos e conhecemos ambientes em todas as suas formas, e refere-se ao relacionamento com os espaços e as paisagens, construídas e naturais, que são as bases e recursos das habilidades do homem e para as quais há uma fixação existencial (DARDEL, 1952, p. 42).

A relação homem-terra, estudados em conjunto pelos geógrafos culturais e humanistas reforçam o “ser no mundo” ou a geograficidade (DARDEL, 2011) em

que a terra é compreendida para além dos aspectos físicos e se apresenta como um lugar de vida. Logo, pensar o espaço geográfico é pensar na sua subjetividade, nos símbolos, nos sentimentos e nos pensamentos que envolvem a realidade do espaço geográfico presente em cada lugar e paisagem e que possuem significados intrínsecos ao sujeito. A influência da escrita emocional e afetiva de Dardel para as abordagens geográficas aqui descritas, nos permitem dialogar com o campo da filosofia, especialmente na perspectiva bachelardiana a partir da experiência poética.

### **O OLHAR GEOGRÁFICO EM CECÍLIA MEIRELES: (RE)DESCOBRINDO A EXPERIÊNCIA DA VIAGEM NO IMAGINÁRIO**

A obra poética meireliana tem uma relação marcante com a paisagem, os espaços e os lugares que percorreu como viajante. Nesse sentido, os elementos vinculados a eles faz com que o espaço existencial e se constitua também no imaginário. Logo, a paisagem nunca é a mesma para todos os indivíduos, pelo contrário, ela transforma a experiência cotidiana do sujeito e se refaz a cada olhar entre sentimentos topofílicos ou topofóbicos.

O tema viagem torna-se um símbolo na trajetória poética da autora e estudá-lo aqui significa buscar os fragmentos e as possibilidades de elementos geográficos que nele contêm. São inúmeras as experiências que Cecília Meireles viveu como sujeito e transmutou para o pensamento poético. E nessa dimensão poética, as viagens feitas por ela constituem possibilidades interpretativas na perspectiva dos estudos da Geografia Cultural e Humanista.

Por essas experiências de viagens, faz-se necessário pensar em como a imagem é recriada pelo poeta. Bachelard (1993, p. 184) define que, “o poeta não me confia o passado de sua imagem e no entanto sua imagem se enraíza, de imediato, em mim”, descrevê-la na linguagem poética é, sobretudo, representar uma possível realidade para além da linguagem. Por este caminho, a paisagem é fruto de uma experiência humana, muito mais complexa e que envolve a dimensão imaginária.

As viagens de Cecília Meireles carregam a paisagem contemplada pela poeta e que no ato da criação poética constitui novamente uma imagem e uma expressão de sentimentos. Seus versos sugerem através das palavras, por vezes,

descrevem o lugar que tanto dá sentido à sua poesia como devolve sentidos aos lugares. É nesse exercício da imaginação que sua poética se encontra e sua espacialidade humana se materializa. A paisagem na linguagem literária é um universo de possibilidades que enriquecem a Geografia e está intrínseca ao conceito de geograficidade. Constitui outra forma de percepção com a qual podemos aprender e apreender o mundo que está sendo observado, descrito e refletido em profundidade, como a grande abertura para o mundo que coincide com longas viagens e temporadas por espaços configurados na sua complexidade caleidoscópica, como no poema *Paisagem Mexicana*:

Passei pela terra seca [...]

O que avistei de mais vivo  
Foi o cemitério plano  
Onde uma índia cor da terra  
De joelhos ia chorando. [...]

Sozinha, a mulher chorava. [...]

Talvez perguntasse aos santos:  
“Por que se morre?” e se sentisse  
que do céu lhe perguntavam  
também: “Para que se vive?” (MEIRELES, 2011, p. 99).

Meireles dá-nos a imagem: podemos ver numa síntese a paisagem mexicana - os espaços áridos, a precariedade e até a dor, esse elemento “invisível”, traduz-se em imagem. A poeta faz um recorte a partir do seu olhar – escolhe o drama humano do homem que vive com pouco – *casas caídas, sua pena sem socorro!* O drama social une-se ainda a outro tão ou mais profundo: o drama humano da solidão e da perda, o não saber, o incerto, do que vem depois que partimos, o que vem depois que perdemos a quem amamos. A solidão, a pobreza, a secura, tudo isso faz com que apenas uma coisa apareça de mais vivo na paisagem: *o cemitério plano, onde a índia cor de terra, de joelhos ia chorando e sua lágrima a única fonte na areia...* Atrás das escolhas, da imagem retirada do espaço-tempo e (re)fabricada em forma de significado, Cecília, dialeticamente, abre o poema ao significativo e o fecha, apontando para o enigma da existência.

Como apresenta Bachelard (2008) o sonhador une o que vê ao que viu e ao que sente e sonha alquimicamente. Conhece a fusão da imaginação com a memória, tão necessária na compreensão de uma época que rompeu o fio do tempo linear, em função do turbilhão da memória. Uma imagem conecta-se a outra, ramifica-se, transmuta-se em outra e engendra sentido, paradoxalmente, formando uma estranha unidade no inacabamento, na abertura. A liberdade da atividade imaginária em formar imagens mútuas, cujos valores são intercambiantes, é sublinhada:

Num dos pólos, a alma sonhante interessa-se por uma beleza imensa, sobretudo, por uma beleza familiar, pelo céu anil, pelo mar infinito, pela floresta profunda – por uma floresta abstrata tão grande, tão incorporada na unidade misteriosa de seu ser que já não se veem as árvores. E a noite estrelada é tão vasta, tão rica em luz de estrelas, que, do mesmo modo já não se veem os astros. No outro pólo, a alma sonhante interessa-se por uma beleza excepcional, surpreendente... De um pólo a outro, há normalmente tamanha oposição que certas locuções se desmembram: a linguagem parece mudar de significação ou mudar de dimensão, mesmo quando a etimologia parece impor um vínculo indestrutível... (BACHELARD, 2008, p. 232-233).

A viagem em Cecília Meireles e esta experiência concreta é ao mesmo tempo experiência sonhante que ressignifica o espaço e o lugar. A viagem torna-se, então, campo da sua experiência no mundo vivido e expressão simbólica de sentimentos evidenciado a partir de sua criação poética. A reflexão sobre a experiência humana e as realidades diferentes são encontradas em uma viagem no imaginário e no real, como forma de sempre reconhecer o outro a partir do seu ser, conforme afirma Ianni (2003):

Quem viaja larga muita coisa na estrada. Além do que larga na partida, larga na travessia. À medida que caminha, despoja-se. Quanto mais descortina o novo, desconhecido, exótico ou surpreendente, mais liberta-se de si, do seu passado, do seu modo de ser, hábitos, vícios, convicções, certeza. Pode abrir-se cada vez mais para o desconhecido, à medida que mergulha no desconhecido. No limite, o viajante despoja-se, liberta-se e abre-se, como no alvorecer: caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao andar (IANNI, 2003, p. 30).

Meireles foi viajante por excelência, seja no modo como vivenciou as paisagens, os espaços e lugares de seu destino, seja na escrita de seus relatos em diários sobre o modo de vida local, a cultura, o imaginário popular, as incertezas humanas, sensações intensamente ligadas a um eterno descobrir-se no mundo vivido.

A experiência da poeta com a paisagem é um elemento simbólico relacionado diretamente a temática de sua obra, enquanto sujeito que se desloca espacialmente e nessa trajetória observa a paisagem através de viagens. A viagem como impressão cotidiana do mundo, pautada pelos sentidos e sensibilidade que ampliam seu horizonte humano, no qual o sentido da viagem estabelece um caráter transitório e existencial. Sobre a poesia sensível de Meireles, o crítico literário Damasceno (1974, p. 6) afirma que há nela, “uma alma aberta cada vez mais a tudo e a todos, um crescente interesse por todos os seres”.

Os poemas de *Viagem e Vaga Música* (1982) possuem a essência da lírica meireliana, nele sua trajetória espiritual mergulha na visão de mundo, a viagem carrega em si o sentido de busca e transformação e as imagens espacializadas são recriadas, diretamente ligadas ao imaginário. A paisagem do mar como infinito é recorrente no referido livro, a poeta utiliza o recurso da água envolto pelo uso da sinestesia, como em “Discurso”:

[...]  
Um poeta é sempre irmão do vento e da água:  
deixa seu ritmo por onde passa.  
[...]” (MEIRELES, 1982, p. 17).

Os elementos naturais vento e água fazem parte da criação literária meireliana, as palavras aqui não são tão simples como parecem ser (CARDOSO, 2007). A linguagem está carregada de imagens e podemos dizer que ela ultrapassa a relevância das palavras, a poeta está sempre próxima ao mar, seja em sua cidade natal, seja em suas viagens mundo afora, como refere Cardoso (2007). Em seu discurso literário, sua relação com o mar cria situações metafóricas que envolvem os devaneios poéticos, ao mesmo tempo em que flui em sua poesia de forma singular

um olhar sempre atento as paisagens do lugar. Para Prado (1993, p. 340-341), o mar na poesia é uma “forma metafórica do infinito e do inefável”.

Na Holanda, Meireles (1986) vivenciou a cidade diurna e noturna. Nas noites que passou em claro escreveu seus poemas e o contato recente do que viu e sentiu sobre as diversas paisagens, lugares e espaços foram escritos de forma singela e fiel ao momento criador da poeta. No universo noturno de Amsterdã, os poemas compõem as etapas e descobertas ao longo daquela viagem. É perceptível a relação de afetividade que Meireles (1986) tem com a cidade holandesa, sobretudo, as imagens dos canais de Amsterdã tão bem representadas em sua poesia. Em tempo, vejamos o primeiro verso do poema “Dois” que se segue:

[...]  
“Não quero mais dormir, nunca mais, noite, esparsas  
nuvens de estrelas sobre as planícies detidas,  
sobre sinuosos canais balouçantes e frios,  
sobre parques inermes, onde a bruma e as folhas ruivas  
sentem chegar o outono e, reunidas, esperam  
sua lei, sua sorte, como pobres figuras humanas.”  
[...]” (MEIRELES, 1986, p. 15).

A imagem que se constrói no primeiro verso de “Dois” é de que há uma transcendência da noite. A paisagem noturna desperta no eu lírico, paulatinamente, uma nova linguagem que se diferencia da condição diurna, essa experiência faz com que a noite não se limite apenas a um fenômeno natural, ao mesmo tempo em que a percepção visual da poeta contempla o lugar e o recria da forma imaginária. Os elementos que compõem a paisagem: planícies, canais, parques; em uma região brumosa faz com que haja uma narrativa entre o eu lírico e a “Noite”, que aqui se transforma em personagem, – tão significativa quanto sua dimensão noturna –, e novamente nessa paisagem há a menção aos tipos humanos relacionados as imagens sensíveis do poema que aflora suas especificidades, Ricoeur (2002, p. 42), ao analisar a singularidade<sup>5</sup> explica que “uma paisagem não é recorte do espaço, simplesmente, é uma totalidade única em seu gênero, na sua cor, ou em outra coisa qualquer”.

---

<sup>5</sup> Para Ricoeur (2002) a singularidade está baseada na tríade natureza, pessoas e obras de arte.

A poeta descreve as paisagens de Amsterdã como se a cidade fosse uma pintura viva, rica em detalhes, – parafraseando Ricoeur (2002). A viagem à Holanda evoca todos os sentidos que afloram em Meireles (1986), e a noite como tempo na linguagem literária é destacada de maneira singular em sua poesia (GARCIA-ROZA, 1995). A impressão que a cidade holandesa causou em sua criação literária vai além de reflexões metafísicas, sua experiência empírica é relevante ao olhar do geógrafo, uma vez que o deslocamento espacial acontece de forma simultânea à viagem imaginária.

O privilégio de se considerar, em sua trajetória como viajante e não como turista, dar-se-á pelo interesse e as formas vividas, nas situações que a constitui como parte integrante no lugar e no espaço, característica esta tão valorizada no próprio sentido da viagem, na medida em que a dimensão humana, – presente e passado – perpassa a impressão cotidiana dos lugares. A transitoriedade como fator existencial coincide com esta condição de viajante, além de estar sempre de passagem, o viajante vai de um lugar ao outro, de um espaço ao outro e assim, do mundo real ao imaginário em uma eterna busca pelo conhecimento, logo, “na literatura [...] são muitas as que se realizam e sonham ao longo das narrativas, das poéticas que constituem a literatura universal” (IANNI, 2003, p. 28).

A base fenomenológica presente nos estudos de Dardel (2011) permite-nos “repensar os espaços”. Para o autor existem ao menos dois conceitos que podem definir os tipos de espaço:

A geometria opera sobre um espaço abstrato, vazio de todo o conteúdo, disponível para todas as combinações. O espaço geográfico tem um horizonte, um modelado, cor, densidade. Ele é sólido, líquido ou aéreo, largo ou estreito: ele limita e resiste (DARDEL, 2011, p. 2).

A concepção de espaço de Dardel (2011) está em consonância como o espaço estabelecido por Bachelard (1993), e também Holzer (1992, p. 440), ao afirmarem que o espaço vivido é uma experiência contínua, subjetiva e social, um espaço de movimento e um espaço-tempo vivido que se refere ao afetivo, ao mágico e ao imaginário.

Cada lugar em sua particularidade é apreendida na minuciosa leitura da poeta, de forma que as imagens de suas viagens carregam em si tal manifestação de um espaço vivido. Há, por exemplo, no poema “Lei do Passante” (MEIRELES, 2014, p. 25), que ela escreveu durante sua passagem pela Índia, a presença de versos isolados em que as palavras “Chega?”...“Passa?”...“Volta?”, são reforçadas como características do olhar de quem observa os detalhes do caminho, o eu lírico questiona as etapas da viagem entre as três estrofes do poema e conclui essa experiência como uma realização também espiritual (LOUNDO, 2007). Vejamos a primeira estrofe do poema:

“[...]  
a escutar o chamado,  
o apelo do mundo inteiro,  
nos contrastes de cada lado...  
[...]” (MEIRELES, 2014, p. 25).

Sua escala é o mundo, as imagens do mundo concreto como uso da expressão poética, faz a viagem elevar-se profundamente à experiência humana “nos contrastes de cada lado...”, em que o olhar poético percorre as diferentes culturas, lugares e espaços vividos.

Em *Poemas Italianos* (1968), nota-se uma expressão poética acerca de esculturas, estátuas, sujeitos, em uma reflexão entre passado e presente. A poeta mergulha no imaginário do lugar e transcreve o sentimento da imagem em seus poemas sobre uma antiga estrada romana, “Via Appia”:

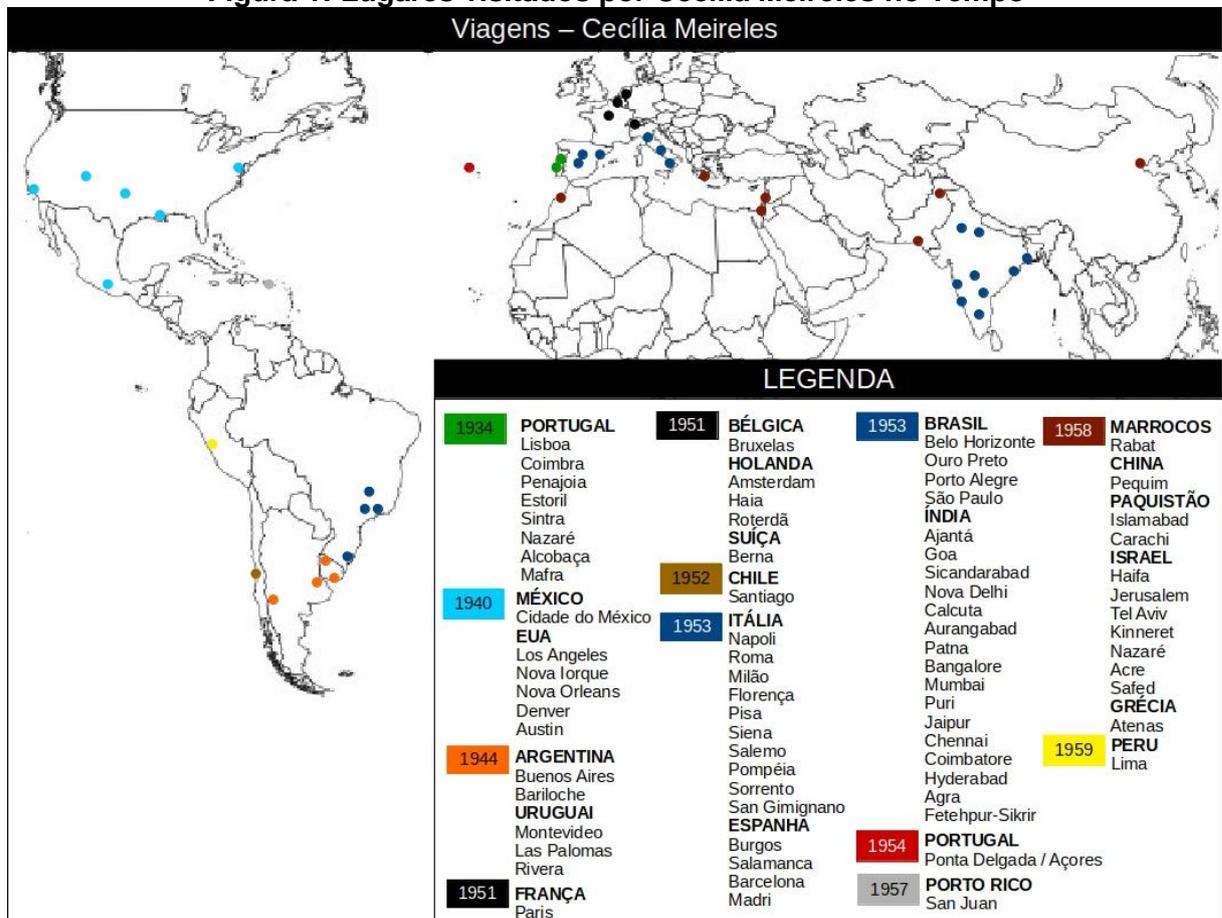
“[...]  
Ruínas não vejo, apenas:  
- mas os mortos que aqui foram guardados,  
com suas coragens e seus medos da vida e da morte.  
[...]” (MEIRELES, 1968, p. 69).

Ao deslocar-se de um lugar ao outro, as impressões da viagem são pautadas pelo imaginário e pelos sentimentos na perspectiva da topofilia. A paisagem dos lugares possibilita que a nossa imaginação busque no passado da imagem o que a nossa percepção visual não alcança, no sentido de capturar e compreender o que aquela imagem representou para os sujeitos de outrora. Em

toda viagem imaginária, a sensibilidade é um dos elementos que compõem o campo “invisível” das coisas (DAMASCENO, 1967; IANNI, 2003). Nessa travessia poética, a viagem como símbolo une a linguagem poética ao olhar do geógrafo. Por essa perspectiva, em toda viagem descobre-se algo que irá acrescentar valores a nossa experiência de mundo vivido, e viajar no imaginário permite-nos percorrer entre o conhecido e o desconhecido (IANNI, 2003). De toda forma, a viagem torna-se um desprender-se de sua raiz e nos convida a uma reflexão diante de nós e do outro.

A fim de demonstrar a importância do tema *viagem* em sua criação literária, criamos um mapa temático e uma tabela que dialoga com as poesias dedicadas aos lugares visitados. Países e cidades que encantaram os olhos de Cecília Meireles, e que ela retribuiu de forma afetuosa com registros valiosos no universo de sua poesia.

**Figura 1: Lugares visitados por Cecília Meireles no Tempo**



Organizador: Givaldo Corcinio Jr., 2020

<b>OBRAS POÉTICAS DE CECÍLIA MEIRELES</b>		
<b>PAÍSES VISITADOS</b>	<b>PAÍSES QUE GERARAM POESIAS</b>	<b>OBRAS - POEMAS E CRÔNICAS</b>
Portugal (1934)	Portugal	O livro <i>Viagem</i> (1939) consta a dedicatória da autora "Aos meus amigos portugueses". <i>Viagem</i> . Lisboa: Ocidente, 1939.
EUA (1940)	EUA	<i>Crônicas de viagem</i> , 1. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1998. / <i>Crônicas de Viagem</i> , 3. Ed. Nova Fronteira. 1999. <i>Poemas de viagens</i> . São Paulo. Global, 2017.
México (1940)	México	<i>Mar absoluto e outros poemas</i> . Porto Alegre: Globo, 1945. / <i>Crônicas de viagem</i> , 1. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1998. / <i>Crônicas de Viagem</i> , 3. Nova Fronteira. 1999.
Uruguai (1944)	Uruguai	<i>Crônicas de viagem</i> . 1. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1998. / <i>Poemas de viagens</i> . São Paulo. Global, 2017.
Argentina (1944)	Argentina	<i>Crônicas de viagem</i> , 1. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1998. / <i>Crônicas de Viagem</i> , 3. Nova Fronteira. 1999.
França (1951)	França	<i>Crônicas de viagem</i> , 1. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1998. / <i>Crônicas de Viagem</i> , 3. Nova Fronteira. 1999. <i>Poemas de viagens</i> . São Paulo. Global, 2017.
Bélgica (1951)		<i>Crônicas de viagem</i> , 1. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1998. / <i>Crônicas de viagem</i> , 3. Nova Fronteira. 1999. <i>Poemas de viagens</i> . São Paulo. Global, 2017.
Holanda (1951)	Holanda	<i>Doze noturnos da Holanda &amp; o aeronauta</i> . Rio de Janeiro, Livros de Portugal. 1952. / <i>Poemas de viagens</i> . São Paulo. Global, 2017.
Suíça (1951)	Suíça	<i>Poemas de viagens</i> . São Paulo. Global, 2017.
Chile (1952)		<i>Crônicas de viagem</i> , 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. / <i>Poemas de viagens</i> . São Paulo. Global, 2017.
Brasil (1953)	Brasil	<i>Crônicas de viagem</i> , 1. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1998. / <i>Romanceiro da Inconfidência</i> , Nova Fronteira. 2005
Itália (1953)	Itália	<i>Poemas italianos com a versão italiana de Edoardo Bizzarri</i> . São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1968. / <i>Crônicas de viagem</i> , 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. / <i>Pistoia – cemitério militar brasileiro</i> . Rio de Janeiro: Philobiblion, 1955.
Goa (1953)	Goa	<i>Poemas escritos na Índia</i> . 2ª ed. São Paulo. Global, 2014. / <i>Crônicas de viagem</i> , 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
Índia (1953)	Índia	<i>Poemas escritos na Índia</i> . 2ª ed. São Paulo. Global, 2014. <i>Poemas de viagens</i> . São Paulo. Global, 2017.
Espanha (1953)	Espanha	<i>Sonhos</i> . São Paulo. Global, 2016. / <i>Poemas de viagens</i> . São Paulo. Global, 2017.
Açores (1954)	Açores	<i>Ilusões do mundo</i> . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. / <i>Escolha o seu sonho</i> . Rio de Janeiro: Record, 1964.
Porto Rico (1957)	Porto Rico	<i>Crônicas de viagem</i> , 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. <i>Poemas de viagens</i> . São Paulo. Global, 2017.
Marrocos (1958)	Marrocos	<i>Poemas de viagens</i> . São Paulo. Global, 2017.
China (1958)	China	<i>Crônicas de viagem</i> , 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. <i>Poemas de viagens</i> . São Paulo. Global, 2017.

Paquistão (1958)		Crônicas de viagem, 3. Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1999.
Israel (1958)	Israel	Crônicas de Viagens, 3. Nova Fronteira. 1999. / Poemas de viagens. São Paulo. Global, 2017.
Grécia (1958)	Grécia	Crônicas de viagem, 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. / Poemas de viagens. São Paulo. Global, 2017.
Peru (1959)		Crônicas de Viagens, 3. Nova Fronteira. 1999.

**FONTES:** OLIVEIRA, Ana Maria Domingues. Estudo crítico da bibliografia sobre Cecília Meireles. (Tese de Mestrado) Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Campinas, São Paulo. Brasil. 1998. 212p. LÔBO, Yolanda. Cecília Meireles. Coleção Educadores – Ministério da Educação do Brasil. Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, Recife. 2010. 158p.

Cecília Meireles traz um *sentido* de *viagem* que em muito se assemelha, a *viagem de descoberta* empreendida pelo geógrafo, observamos o seu mapa mundo percorrido e sensibilidade com qual cada paisagem foi reunida e colhida e após a análise desta experiência do mundo, ressemantizarmos nossa própria viagem geográfica. Cecília estabeleceu com os lugares e com as paisagens que viveu e visitou, algo muito próximo do que poderíamos chamar de *viagem geográfica* ou ainda, o que nos é muito conhecida: a viagem que resulta em *trabalho de campo*. De certo modo, a forma como a poeta relacionou-se com os lugares e paisagens que conheceu indica que a experiência da viagem foi fundamental para nutrir sua criação poética, ou seja, os espaços hidratavam o seu olhar e uma emoção outra era gerada.

No universo de estudo sobre as imagens, Bachelard (1993) nos diz que para compreendermos a imagem poética é necessário que tenhamos empatia pelas imagens que foram imaginadas pelo poeta, só assim estabelecemos uma proximidade com a consciência criante do autor. Segundo o autor, “a imagem poética é uma emergência da linguagem, está sempre um pouco acima da linguagem significativa [...] a poesia põe a linguagem em estado de emergência. A vida se mostra nela por sua vivacidade” (BACHELARD, 1993, p. 190). A partir disso, as imagens literárias emergem no nosso interior inicialmente pela linguagem do literato.

Mas Cecília Meireles também não se deteve apenas nos espaços longínquos, há também uma topofilia em sua obra da terra natal, vista como casa.

Na crônica “Escolha o Seu sonho” Meireles (1996, p. 17-19), no imaginário das “Casas amáveis” transcorre as imagens do lugar e espaço, “[...] Agora, o que nenhum arranha-céu poderá ter, e as casas antigas tinham, é esse ar humano, esse modo comunicativo, essa expressão de gentileza que enchiam de mensagens amáveis as ruas de outrora”. As imagens contidas na crônica supracitada buscam a reflexão de que a passagem do tempo modifica os espaços, mas as imagens que temos desse espaço permeiam nossa memória afetiva. Essa memória afetiva é o acolhimento do espaço em várias modalidades e expressões, sejam os lugares próximos e distantes, sejam de intimidade e de espanto, mas sempre claros, vivos e brilhantes no seu mapa tecido de beleza e encantamentos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou analisar a obra poética de Cecília Meireles, a fim de encontrar uma possível relação entre paisagem e topofilia em sua criação literária a partir de suas viagens, no sentido de enriquecer os estudos geográficos de abordagem cultural e humanista. A partir disso, os estudos foram traçados de forma interdisciplinar. Da mesma maneira buscamos também nesse estudo o sentido de geograficidade, da existência do sujeito no mundo vivido, especialmente nas relações de afetividade com as diferentes culturas, espaços e lugares experienciados.

A partir do livro *Viagem e Vaga Música* (1982) entre outros foi possível analisar a essência da espacialidade na poesia de Cecília Meireles relacionada com a viagem, assim como tecer a reflexão sobre os elementos concretos e intrínsecos ao mundo: o espaço vivido, o lugar, a paisagem. Ao considerarmos a forte relação entre a poeta e as paisagens contempladas em seus itinerários, encontramos uma geografia de símbolos e percepções, de sentimentos e pensamentos relacionados à realidade dos lugares.

Os relatos da poeta viajante resultaram em poemas, prosas, documentos, entrevistas, narrativas, crônicas, contudo, nesta análise tomamos em sua maioria a forma de poemas. Observamos que suas viagens se completavam no retorno, o que não tinha sido escrito no momento da viagem, rendeu-lhe novamente a oportunidade

de buscar o imaginário aquele lugar, aquele espaço e aquela paisagem que até então tinha sido narrada, “revivendo” no sentido da memória a da lembrança a viagem.

Ter contato com a Literatura é percorrer novos caminhos e sensações que agregam ao conhecimento científico. A obra poética meireliana desperta emoções e sensações sobre suas paisagens literárias, através dela elevamos o que chamamos de realidade geográfica dos espaços vividos sobre profundas transformações, tão importantes quanto os conceitos que abrangem a Geografia como uma ciência humana.

Explorar as relações entre a imaginação, a percepção e memória através dos conteúdos da literatura constitui-se num modo de apreender a realidade em curso na sua multiplicidade de códigos, de temporalidades de imagens. As palavras são chaves da sensibilidade, dotadas de sensações e sentidos. A poesia como produto advindo do imaginário, da memória e da percepção provoca-nos uma emoção ondulante que não nos deixa passivos. O procedimento, assim, não é apenas contemplativo, mas de viver e habitar as obras, o tempo e o lugar apresentados nos poemas e penetrar os seus universos simbólicos com a intenção de ver além, partindo da sensibilidade ampliada e manifesta na literatura que nos permite também observar e criar. Concluímos que sua forma singular de ver o mundo foi fundamental para a compreensão da temática da viagem em sua expressão poética, universalizada. As paisagens recriadas em seus poemas são um modo de apreender com outro olhar os fenômenos geográficos e como elas ressignificam os espaços e os lugares.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Tradução. Antonio de Pádua Danesi São Paulo: Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_\_. *A Poética do Espaço*. Tradução: Antonio da Costa Leal; Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo. Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_. *A terra e os devaneios da vontade*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BLOCH, Pedro. Pedro Bloch entrevista Cecília Meireles. *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, 630, p.34-7, maio, 1974.

BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. Tradução: Márcia Trigueiro. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Literatura, música e espaço*. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2007, pp. 17-77.

CARDOSO, Adaidides. *Metapoesia, Música e Outros Motivos em Viagem, de Cecília Meireles*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande. 2007.

CHIODA, Leonardo. As memórias de viagens à Itália na poesia e na crônica de Cecília Meireles. *Revista Olho d'água*. São José do Rio Preto, São Paulo. v. 2, n. 1, p. 68-73, 2010.

CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Florianópolis: Editora UFSC, 2007.

\_\_\_\_\_. O Papel da Nova Geografia Cultural na Compreensão da Ação Humana. In *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001. p. 14-23.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias, GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.) *Geografia: Conceitos e Temas*. 5ª edição. Bertrand: Rio de Janeiro, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

\_\_\_\_\_. *Geografia cultural: uma antologia*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

DAMASCENO, Darcy. *Cecília Meireles – seleta em prosa e verso*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio. 1975. 207p.

\_\_\_\_\_. *Cecília Meireles: O mundo contemplado*. Rio de Janeiro: Orfeu. 1967.

\_\_\_\_\_. Poesia do sensível e do imaginário. In: MEIRELES, C. *Flor de poemas*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1983.

DARDEL, Eric. *L'Homme et la Terra: nature de la réalité géographique*. Paris: PUF, 1952. 133 p.

\_\_\_\_\_. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2011.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. 11 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

HOLZER, Werther. *A geografia humanista: sua trajetória de 1950 a 1990*. 1992. 603 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1992.

\_\_\_\_\_. Paisagem, Imaginário e Identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. 248p. p. 149-168 (Série Geografia Cultural).

\_\_\_\_\_. *Sobre territórios e lugaridades*. Revista Cidades. Rio de Janeiro. UFF. 2013, 12 p.

\_\_\_\_\_. *Um Estudo Fenomenológico da Paisagem e do Lugar: A Crônica dos Viajantes do Brasil do século XVI*. 1998. 257 fls. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. *Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século VI*. 1998. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo 1998.

IANNI, Octavio. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. *A racialização do mundo*. Tempo Social; Revista Sociol. USP, São Paulo, 8(1): 1-23, maio, 1996.

LOUNDO, Dilip. Cecília Meireles e a Índia: viagem e meditação poética. In: *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas; FAPESP, 2007, p. 129-178.

MARANDOLA, Eduardo e GRATÃO, Lúcia Helena. *Geograficidade, Poética e Imaginação*. Eduel, 2010. p. 7-15.

MARANDOLA., Eduardo. Geograficidades vigentes pela literatura. In: SILVA, Maria A. da; SILVA, Harlan R. Ferreira da (orgs.) – *Geografia, literatura e arte: reflexões*. Salvador, Bahia: EDUFBA, (2010), p. 21-32.

MEIRELES, Cecília. Cecília de bolso: uma antologia poética. In: *CARPINEJAR, Fabrício* (org.) Porto Alegre: L&PM, 2011.

\_\_\_\_\_. *Crônicas de viagem – 2*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

\_\_\_\_\_. *Doze noturnos da Holanda e outros poemas*. 3ª ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. *Escolha o Seu Sonho*. 20ª ed. Rio de Janeiro. Editora Record, 1996.

MEIRELES, Cecília. *Poemas escritos na Índia*. 2ª ed. São Paulo. Global, 2014.

\_\_\_\_\_. *Poemas italianos com a versão italiana de Edoardo Bizzarri*. São Paulo. Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1968.

\_\_\_\_\_. *Viagem e Vaga Música*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1982.

\_\_\_\_\_. *Ilusões do mundo*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1982.

PRADA, Cecília. *O mundo visto através do prisma de um lustre*. Revista. D. O. Leitura, São Paulo, vol. 20, n. 05, p. 27- 33, mai. 2002.

PRADO, Javier del. *Poesia*. Seleção e apresentação de Darcy Damasceno. Rio de Janeiro: Agir. 1974.

\_\_\_\_\_. *Teoría y práctica de la función poética*. Madrid: Edicions Cátedra, S. A, 1993.

RICOEUR, Paul. *O único e o singular*. São Paulo: UNESP; Belém, PA: Editora da Universidade do Pará, 2002.

SANCHES NETO, M. Cecília Meireles e o tempo inteiriço. In: MEIRELES, C. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

\_\_\_\_\_. *Topofilia: um estudo da percepção, atitude e valores do meio ambiente*. Tradução Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.